

permitido tal luxo. Por quê? “Porque eu senti mais coisas, mais profundamente, tive mais experiências, mais profundamente; amei mais e fui mais amada...”

O artigo seguinte, assinado por Roy Porter, coloca a questão de se o estigma da doença mental pode ser mudado. O autor assinala que, em alguns casos para se diminuir o estigma, vários álbis médicos foram tacitamente negociados entre profissionais e pacientes. O mais freqüente era um acordo de cavalheiros segundo o qual a queixa era física, de acordo com o modelo médico pressuposto de que a doença somática seria uma “doença real”. Com isso, o paciente não teria do que se envergonhar.

O Dr. Porter afirma, em seguida, que não é uma grande vitória no sentido da desestigmatização o fato de se reclassificar os transtornos mentais como doenças orgânicas, e que seria desejável erradicar todos os julgamentos de valor de todas as doenças em seu conjunto. Retomando os escritos de Susan Sontag sobre a visão social das doenças, ele sustenta que as doenças são carregadas de um valor moral por que, para aliviar a angústia de se enfrentar o não-sentido do adoecer, o homem atribui seu aparecimento a uma disposição maligna da qual o sujeito, de alguma forma, seria responsável. O artigo termina pela advertência de que se desejarmos erradicar o estigma da doença mental, não poderemos simplesmente deixar essa tarefa apenas nas mãos dos médicos.

A série de artigos completa-se com outros nove trabalhos que abordam o tema sob diferentes perspectivas que vão desde a discussão das políticas de saúde mental na Grã-Bretanha, passando pela discussão de estigmas específicos como os que dizem respeito à depressão, até uma instigante análise das variações culturais na estigmatização das doenças mentais.

“Epistemology”
Panel Reports

International Journal of Psycho-Analysis, 1998, 79: 1213-1216

Epistemologia da psicanálise

O *International Journal of Psycho-Analysis* traz o relato de um importante painel realizado no 40º Congresso da International Psychoanalytical Association

realizado em Barcelona, em julho de 1997, intitulado “Epistemologia”.

A primeira painelistas foi a doutora Patricia Kitcher, da Califórnia, que procurou defender a metapsicologia freudiana contra os epistemólogos que a vêem como não-empírica. Seu trabalho conclui que “o que é bom na metapsicologia de Freud – e que freqüentemente é esquecido em outras teorias – é o reconhecimento de que a mente humana tem tanto uma base física quanto é um macrofenômeno enormemente complexo que necessita ser explicado nesse nível.”

Em seguida, Cornelius Castoriades, de Paris, sublinhou que certos preconceitos e idéias errôneas caracterizam o pensamento dos críticos da psicanálise que a consideram uma teoria inviável da mente. Eles atacariam Freud em três frentes: 1) sua teoria constituiria um sistema fechado; 2) ele lidaria com um mundo de objetos, enquanto a ciência iria além dos objetos para explicar os fenômenos naturais e 3) não haveria contradição para a teoria freudiana.

Castoriades considera todas essas críticas incorretas. Sua apresentação procurará sustentar as bases da refutação a essas críticas: 1) Freud concebeu tanto a interpretação dos sonhos como a escolha da neurose como questões abertas 2) a ciência não pode explicar todos os fenômenos da natureza e freqüentemente lida com elementos que não têm existência concreta e 3) por não permitir reprodutibilidade ou experimentação controlada, a psicanálise não pode ser avaliada pelos critérios da ciência comum, mas através da construção de um outro plano de racionalidade através da teoria do inconsciente.

Finalmente, Eduardo Issaharoff, de Buenos Aires, sustenta, juntamente com Castoriades, que a abordagem positivista não é suficiente para explicar os fenômenos mentais. Contudo, ele é mais pessimista quanto à possibilidade de acharmos uma linguagem adequada para exprimir as teorias psicanalíticas, ainda que seja através da metapsicologia, pois a linguagem será sempre ambígua.

Ele propõe que seja desenvolvida a tarefa de se compreender os fenômenos mentais através do uso dos conhecimentos de diversas disciplinas. Mas fazendo isso, deve-se distinguir o que é científico daquilo que não o é.